

Status Quaestionis

A dignidade humana tem sido o eixo axiológico a orientar nos últimos decênios a reflexão de diferentes áreas do saber, dentre elas a Teologia. De um ponto de vista filosófico, a diferença específica do ser humano em relação aos outros seres, desde Aristóteles, esteve situada na atividade própria da alma, que é sua racionalidade. No entanto, das atividades vegetativa e apetitiva pertencentes ao corpo, ele comunga da mesma natureza dos demais seres. Além disso, o ser humano é pensado como “animal político” (*zoom politikón*), ele realiza o seu ser *humano* a partir das instituições as quais pertence, a partir da relação com os outros.

Na Bíblia, a caracterização do ser humano que logo foi sedimentada pela tradição é a que o situa como “imagem” e “semelhança” de Deus. Criado por Deus numa condição superior às demais coisas criadas, como diz o Salmo “quase um Deus o fizeste” (Sl 8,6a), o ser humano aparece no mundo numa condição privilegiada situada entre o espiritual dos anjos e o material da natureza.¹

Em que pese a diferença substancial entre o Criador e as criaturas, o ser humano por sua memória, inteligência e vontade é imagem do Deus Pai, do Deus Filho e do Deus Espírito Santo (Agostinho, *De Trinitate*). Depreende-se ainda de tal consideração a idéia de que o ser humano é antes de tudo um ser eminentemente relacional, numa quádrupla perspectiva: *relação com Deus* - relação criatural (Gn 2,7); *relação com a natureza*: feito do pó da terra, deve cuidar do jardim e dominá-lo (Gn 2,7.15); *relação com o outro* - *relação humana*; “homem e mulher os criou”; *relação consigo mesmo*: “está só” (Gn 2,18-20).

A dignidade humana se realiza quando estes quatro pólos relacionais são vivenciados de modo equilibrado. A constituição de um mundo melhor implica na moderação de tais relações, de modo a não privilegiar nenhuma ou estabelecer assimetrias entre elas. Situar-se equilibradamente como criatura diante do divino implica na proposição da *reciprocidade na diferença* entre homens e mulheres, cujo

¹ EVDOKIMOV, P. *A mulher e a salvação do mundo*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 70.

efeito é a redefinição da relação entre os seres humanos e a natureza², no sentido de que a fraternidade entre os humanos deve ser estendida à comunidade de vida. Em consequência, disso resulta a transformação da relação do ser humano consigo mesmo, na medida em que ele abandona o egoísmo como maneira de ser e estar no mundo.³

Se os seres humanos são seres relacionáveis por excelência, as diferenças accidentais constituem sua riqueza e grandeza, sem alterar sua igualdade fundamental. Significa que quaisquer formas de discriminação, étnicas, de gênero ou de classe social decorreriam da transformação repreensível das diferenças em desigualdades. Estas, portanto, são efeitos de um erro lógico pelo qual atribui-se como necessário o que entre os seres humanos é contingente, considera-se como substancial aquilo que é accidental, tem-se como natural o que é culturalmente construído. Daí a justificação falaciosa de assimetrias, hierarquizações e divisões.

Em todas as manifestações culturais, orais ou escritas, ocorrem esses processos de desvirtuamento no imaginário pessoal e coletivo. As desigualdades historicamente construídas entre os seres humanos são das mais diversas ordens, tais como: linhagem sangüínea, pertença política, condições econômicas, étnicas e culturais. Contudo, da perspectiva da “teologia e hermenêutica bíblica feminista”⁴ atual uma das desigualdades que mais chama a atenção de nós, estudiosas da teologia, é a que se refere às relações entre homens e mulheres. Comumente, ela tem sido designada pela teologia dos anos 1990 como desigualdade de gênero.

Na América Latina, a Teologia da Libertação tem priorizado as desigualdades sócio-econômicas para tratar dos mecanismos de opressão e discriminação entre as pessoas. Além de reconhecer a importância dessa mediação para elaborar o discurso teológico; em que pese ser a teologia feminista⁵ latino-

² “A redefinição da relação entre homem e mulher em termos de reciprocidade (em vez de hierarquia) leva a redefinir a relação entre seres humanos e natureza. (Cf. GIBELLINI, R. Outra voz da Teologia: Esboços e Perspectivas da Teologia Feminista. In: LUNEN-CHENU, M.-T.; GIBELLINI, R. *Mulher e Teologia*, 1992, p 115).

³ Cf. EVDOKIMOV, P. Op. cit., p. 164.

⁴ Expressão utilizada por TAMEZ, E. Hermenêutica feminista latinoamericana, una mirada retrospectiva. In: TEPEDINO, A. M. & AQUINO, M. P. *Entre la indignación y la Esperanza: Teología Feminista Latinoamericana*. Bogotá: Indo-American Press Service Ltda., 1998, p. 41-60.

⁵ “Teologia feminista” e não “teologia da mulher”, “teologia feminina” ou “teologia ao feminino”. Não é “teologia da mulher”, “porque tem sua origem numa situação cultural e eclesial diferente e trabalha com uma metodologia baseada numa nova relação entre teoria e prática. Também não se pode falar de uma ‘teologia feminina’ (*weibliche Theologie*), expressão que aliás não é usada, e que,

americana um desdobramento da Teologia da Libertação, no sentido de que usa da exegese sociológica para compreender o momento econômico, político e cultural durante o qual o texto sagrado foi escrito; mesmo assim, ela ultimamente tem se definido como uma forma própria de teologizar porque prioriza a mediação da categoria de gênero, como indicaremos na última parte desse estudo. Essa tendência⁶ da teologia e hermenêutica bíblica feminista do decênio de 1990 até o presente momento é particularmente significativa. Se a Teologia da Libertação utiliza a mediação das teorias econômicas para mediar seu discurso, “as mulheres terão que utilizar teorias de gênero para analisar com maior seriedade a situação de opressão das mulheres e a luta de poder entre os gêneros.”⁷

As teorias de gênero acentuam que ninguém é naturalmente masculino/a ou feminina/o. Tais identidades são construções genéricas e universalistas resultantes de processos históricos e culturais contingentes, frequentemente geradores de desigualdades. O instrumental das relações de gênero presta uma contribuição à teologia feminista no sentido de que desmistifica e questiona essas diferenças que se transmutam em desigualdade; ele ainda é capaz de apontar o descompasso entre a identidade imposta culturalmente e a que se vive no cotidiano; ele mostra também

se fosse usada, serviria apenas para perpetuar esteriótipos, que a teologia feminista procura pelo contrário demolir: uma ‘teologia feminina’ exigiria como contrapartida a elaboração de uma ‘teologia masculina’, ao passo que a teologia feminista se autocompreende como uma contribuição crítica para uma ‘teologia da integralidade’. Algumas teólogas e teólogos católicos falam também de uma ‘teologia ao feminino’, entendendo com essa expressão uma reflexão teológica elaborada por parte de mulheres e/ou a partir de mulheres, na medida em que levanta o tema da ‘questão feminina’: trata-se de uma abordagem ainda ligada à abordagem da teologia da mulher, e à qual falta o caráter da militância como ato primeiro, que é um dos elementos básicos da teologia da libertação em geral, e da teologia feminista em especial. Certamente, pode-se discutir até que ponto o termo ‘teologia feminista’ é teoricamente correto; até que ponto é aceito na comunidade eclesial, mas acabou por se impor também em nível acadêmico. (...) a teologia feminista é uma teologia da libertação das mulheres, uma reflexão elaborada e praticada por mulheres que militam no movimento de libertação da mulher, e, como tal, se inscreve no vasto e variado espaço das teologias da libertação.” (GIBELLINI, R. Op. cit., p. 81-82).

⁶ Essa tendência não exclui a pluralidade de correntes e temáticas na teologia e hermenêutica bíblica feministas na época referida. Há teólogas que acolhem tal teoria; outras que a rejeitam, ao preferir falar somente de “feminismo crítico”, como Maria Pilar Aquino; há teólogas que optam pelo “ecofeminismo”, como Ivone Gebara; há também aquelas que enfatizam a hermenêutica negra ou indígena, sendo o diálogo interreligioso e a herança espiritual e teológica ancestral os caminhos privilegiados. (TAMEZ, E. *Hermenêutica feminista latinoamericana. Una mirada retrospectiva*. In: MARCOS, S. (Ed.) *Religión y Género*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 58-59).

⁷ TAMEZ, E. Op. cit., p. 58.

que se tais identidades são forjadas e introjetadas nos mecanismos de socialização, significa que são suscetíveis de transformações.⁸

Esse processo facultado pela mediação das relações de gênero, que vai da desmistificação das naturalizações historicamente forjadas até a possibilidade de mudanças nas relações entre homens e mulheres, freqüentemente é incorporado pela teologia feminista ao método da hermenêutica e à estratégia da suspeição. Vejamos primeiro em que consiste a singularidade dessa hermenêutica feminista.

A hermenêutica teológica⁹ consiste no processo de interpretação dos textos bíblicos e do magistério, de modo a situá-los no contexto em que foram escritos e compreendê-los a partir do sentido que a comunidade atual lhe atribui.

Ela emprega a maioria dos princípios utilizados pela hermenêutica¹⁰ em outros domínios. Pretende, no entanto, busca-se uma aproximação para descobrir a intenção do autor bíblico. Nesse terreno, surgem inúmeras dificuldades: além da separação entre o leitor atual e o autor original, temos a distância de tempo, diferenças culturais e morais. Mesmo assim, parte-se do pressuposto de que ao leitor atual é possível interpretar o texto sagrado para aproximar das intenções do autor.

Fazer a hermenêutica de um texto implica admitir sempre um excesso de significado sobre seu significante, um resto não necessariamente formulado do pensamento que a linguagem, intencionalmente ou não, deixou na sombra. Assim, nenhuma interpretação é absoluta, posto que jamais um significado esgota o significante originário.

Da perspectiva da interpretação do texto sagrado, nenhuma exegese exaure sua riqueza originária. Quando a hermenêutica é adjetivada de feminista está

⁸ NEUENFELDT, E.G. Gênero e Hermenêutica Feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. In: AA.VV. *Hermenêutica Feminista e Gênero*. Série: A Palavra na vida, n. 151/152. São Leopoldo, RS: CEBI - Programa de Publicações, 2000, p. 49.

⁹ Sobre a pertinência de uma Hermenêutica Teológica, Cf. BOFF, C. *Teologia e Prática: Teologia do Político e suas Mediações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978, p. 238-271.

¹⁰ “A hermenêutica é o processo de decifração que vai de um conteúdo e de um significado manifesto para um significado latente ou escondido. O objeto de interpretação, i. é, o texto no seu sentido mais lato, pode ser constituído pelos símbolos de um sonho ou mesmo por mitos e símbolos sociais ou literários. (...) A hermenêutica tem a ver com textos simbólicos com múltiplos significados; estes podem constituir uma unidade semântica que tem a ver (com os mitos) com um significado superficial totalmente coerente, tendo ao mesmo tempo um significado mais fundo. A hermenêutica é o sistema pelo qual o significado mais fundo é revelado, para além do conteúdo manifesto” (PALMER, R. *Hermenêutica*. São Paulo: edições 70, 1986, p. 530)

subentendido que, sem negar outras interpretações, procura-se dar significado a um aspecto do texto sagrado que a exegese ainda não ressaltou. Além disso, muda o posicionamento inicial a respeito do texto sagrado com o estabelecimento de novos princípios.

O ponto de partida para a hermenêutica feminista é a *experiência das mulheres*. Isso quer dizer que o cotidiano das mulheres é o lugar privilegiado para a interpretação de textos, de mundos, de escritos e da vida. Interpretar é posicionar-se, o que também está condicionado ou moldado pela realidade na qual se vive.¹¹

Cumpra ressaltar que não se trata de qualquer experiência, mas aquela propriamente das mulheres¹². Ela é a raiz do seu fazer teológico. Assume sua parcialidade porquanto “é deste lugar específico que é construída a sua interpretação e que é para dentro deste espaço que devem ser lidas suas afirmações”.¹³

Se a experiência das mulheres é o ponto de partida da hermenêutica feminista ela não almeja configurar interpretação paralela à oficial ou agregar algo que essa ainda não possui. Somente propõe-se a desconstrução da interpretação androcêntrica e patriarcal, que se afirma universal e neutra. Constitui tarefa primeira do método hermenêutico feminista “o papel fundamental de denunciar essa construção nos textos sagrados e na longa história da tradição, onde a interpretação é tão ou às vezes mais patriarcal que na própria Escritura”.¹⁴

Ivone Gebara resalta na hermenêutica feminista sua metodologia política em vistas da construção de relações humanas livres, justas, solidárias, ternas e acima de tudo, a valorização da pessoa humana. Considerando as dificuldades próprias da interpretação dos textos sagrados, a autora sublinha neles seu caráter oculto e misterioso.

¹¹ NEUENFELDT, E. G. Op. cit., p. 48.

¹² A teologia feminista “mostra-se peculiar não porque recorre ao ‘critério da experiência’- de resto, critério presente em ‘toda reflexão teológica’ baseada na Escritura e na tradição –, antes porque parte do princípio da experiência ‘das mulheres’, indicando neste dado a força crítica desse pensamento quanto à exclusão das mulheres na teologia clássica e em suas tradições codificadas (...), bem como a sua força de estabelecimento de um discurso religioso outro, considerado pelas teólogas feministas como um conceito novo de teologia.” (MACHADO, M. M. A. *Para uma hermenêutica dos poderes: sobre discursos da teologia feminista e escritura*. In: http://www.revistaancora.com.br/revista_2/02.pdf. p.3. Acesso: 15 Dez 2007).

¹³ NEUENFELDT, E. G. Op. cit., p. 49.

¹⁴ *Ibid.*, p. 50.

“Um texto nunca permite, pois, descobrir suas intenções ocultas de forma clara: ele sempre escapa das tentativas de se absolutizar sua interpretação, como se fosse a única e última possibilidade de explicar seu sentido”.¹⁵ O texto sagrado é mediação para a revelação de nós mesmos. A mesma autora enumera dez características fundamentais da hermenêutica feminista.

1) A hermenêutica como maneira de ser, de relacionar-se e de compreender. Compreender, interpretar exprime uma maneira de ser, de sentir, de situar-se na sociedade, de relacionar-se com as pessoas, com a terra, com o cosmo, exprimem convicções, pontos de vista, intuições.

A interpretação é uma forma de revelação do ser humano para si mesmo, uma forma de mostrar a compreensão que ele tem de si, utilizando os textos como mediação. Através do entendimento e interpretação de um texto, estamos apenas manifestando a compreensão que temos de nós mesmas (os) e de nosso mundo. O texto torna-se, de certa forma, um pretexto para falarmos de nossa própria realidade histórica.¹⁶

A hermenêutica feminista é uma forma de interpretação de texto que compreende a existência das mulheres com tudo aquilo que dela faz parte. Quando se busca a compreensão, ocorre um ato de revelação convidando à aproximação daquilo que foi revelado, conservando, porém, uma postura de abertura e diálogo. A teóloga quer indicar o aspecto englobante da hermenêutica feminista: implica tanto a perspectiva *regionalista* que abrange o humano em sua dimensão sexual, social, econômico, cultural quanto o ponto de vista *universalista*, que entende o humano em sua relação ampla com todos os seres, com a terra e com os cosmos. Nesse nível, dita hermenêutica designa uma maneira de ser e compreender um texto.

2) A hermenêutica feminista é um processo de descontextuação e recontextuação. Significa que certos textos não são feministas por si próprios; porém, as feministas podem deles se aproximar e imprimir neles sua marca interpretativa, de modo a se tornarem ferramentas úteis à causa das mulheres.

3) A hermenêutica feminista caracteriza novas maneiras de compreender "Deus". Não se trata de feminizar conceitos, mas propor uma mudança na imagem

¹⁵ GEBARA, I. *Hermenêutica Bíblica Feminista*. In: TEPEDINO, A. M.; AQUINO, M. P. Op. cit., p. 111.

¹⁶ *Ibid.*, p. 30.

comum que Dele se tem e da experiência que Dele se faz. Portanto, extensão das fronteiras do imaginário e da experiência do divino.

4) A hermenêutica feminista compreende os símbolos cristãos a partir das interrogações de nosso tempo e da superação do patriarcalismo. Na cultura contemporânea, percebe-se uma saturação em relação ao universo simbólico cristão. Sabe-se que os símbolos não designam realidades trans-históricas, independentes dos processos culturais. “Os símbolos culturais (religiosos) têm muito a ver com aquilo que uma sociedade necessita para sua organização e para a compreensão e expressão de si mesma”, ressalta. Nesse aspecto, a cosmologia cristã tradicional é patriarcal, apresentando uma visão limitada do ser humano. A hermenêutica feminista quer constituir-se noutro modo de questionamento do aprisionamento da experiência cristã na teologia patriarcal.

5) A hermenêutica feminista pode compreender os símbolos cristãos a partir da valorização da perspectiva histórica igualitária do ser humano. Ela busca reler as narrativas do Antigo Testamento e os símbolos do Novo Testamento de forma integradora. Por exemplo, opõe-se à leitura feita a respeito da Criação com sua conotação sexual mantenedora de desigualdade, posto que aí é priorizada a figura humano-divina do homem.

6) A hermenêutica feminista é política porque toca as bases de sustentação econômicas, produtoras de injustiça, e os alicerces antropológicos, legitimadores da injustiça. Este aspecto reforça o caráter integrador da hermenêutica feminista. Além de ler a Bíblia com outro olhar, procura unir forças em busca de alternativas reais para a humanidade.

7) A hermenêutica feminista revaloriza a realidade corpórea, a energia vital que nos constitui, desdobrando-se em múltiplas formas. Configura a busca de superação dos dualismos que normalmente resultam desfavoráveis à mulher.

8) A hermenêutica feminista é ética, porque atua na contra-corrente da moral patriarcal. Objetiva o equilíbrio e amadurecimento nas relações, de modo a serem priorizados a igualdade, a afirmação absoluta da vida e seus processos, o pluralismo e a subjetividade.

9) A hermenêutica feminista pretende destacar a dimensão holística da ética, captando a relação e a interdependência de tudo com tudo. Assume a

postura de não se fechar em si mesma, em vistas de fomentar o diálogo e a abertura.

10) A hermenêutica feminista inaugura um novo tipo de ecumenismo, no sentido de “uma experiência comum do essencial, daquilo que é próprio da pessoa humana, porém, vivido na riqueza de expressões diferentes”.¹⁷

Assim a hermenêutica teológica feminista evidencia uma proposta metodológica diferente, porquanto seu escopo é a recuperação de significados outros que permaneceram no subsolo das demais hermenêuticas teológicas. Seu elemento inovador está no uso da imaginação criativa que reconstrói o pré-texto (contexto) dos textos bíblicos a partir da história e da condição da mulher.

Dizíamos anteriormente que a teologia feminista combina a mediação da teoria das relações de gênero, o método hermenêutico e a estratégia da suspeição. A teologia feminista suspeita do texto e do contexto do texto.¹⁸ Busca nas entrelinhas as motivações que levaram à manutenção de textos relativamente favoráveis às mulheres, num contexto fortemente patriarcal. Suspeita, além disso, dos estereótipos criados entre os seres humanos que frequentemente acentuam a superioridade dos homens sobre as mulheres.

Conforme Teresa Mee, a estratégia da suspeição tem dupla função. Uma *negativa*, que consiste em desmascarar o caráter androcêntrico e o objetivo opressor do texto bíblico. Para isso são discutidas as traduções, silêncios, contradições, argumentações, prescrições do texto, bem como discursos da Bíblia sobre gênero, etnia, classe ou cultura; uma função *positiva* que implica na reconstrução dos paradigmas em termos de retórica crítica, procurando entender tradições e textos bíblicos como uma herança viva. Assevera a autora que “tal herança não legitima a opressão patriarcal, mas tem a capacidade de promover práticas libertadoras de comunidades de fé.”¹⁹

A hermenêutica feminista é uma forma nova de *se fazer teologia* pelo privilégio de categorias interpretativas heurísticas, tais como: cotidiano, corporeidade, sexualidade, vida, simbolismo, alteridade, mulher, homem,

¹⁷ GEBARA, I. Op.cit., p.117.

¹⁸ TAMEZ, E. Op. cit., p. 62.

¹⁹ MEE, T. O que consideramos que seja uma Hermenêutica de Gênero? In: AA.VV. *Hermenêutica Feminista e Gênero*. Op. cit., p. 41.

androcentrismo, patriarcado etc. Vale ser lembrado que tal *fazer teológico*, precisamente por partir da experiência de mulheres, não tem a pretensão de universalidade que caracteriza outras formas de teologia. Seu escopo maior não é posicionar-se paralelamente à interpretação teológica tradicional do ponto de vista da *teoria*, e sim efetuar a desconstrução de quaisquer interpretações que justifiquem na *prática* uma sociedade de desiguais.

Como sublinha Gebara, a hermenêutica propriamente teológica designa a articulação de sentido que se expressa numa diversidade de discursos, que visam apontar a necessidade humana de se viver melhor e numa relação maior, menos estreita e preconceituosa. A hermenêutica teológica feminista é o resgate interpretativo de uma verdade profunda nos textos sagrados que foi propositalmente escondida, imprescindível para a construção de relações humanizantes e reveladoras da vontade de Deus.

É justamente esse último aspecto da hermenêutica teológica feminista apontada por Gebara o foco de nossa investigação. Advertimos, porém, que nosso propósito não é exatamente o “resgate interpretativo de uma verdade profunda nos textos sagrados”, mas identificar outras possibilidades de interpretação de tais textos, que de modo algum esgotam a riqueza inexaurível de sua “verdade”.

Desde logo é preciso ressaltar que a aventura por textos bíblicos antiqüíssimos em busca de significados inauditos para a valorização da dignidade da mulher do século XXI implica assumir alguns riscos. Além de a mulher ser ainda hoje marginalizada devido à remanescência da mentalidade patriarcal no Ocidente contemporâneo, as mulheres exegetas ou simplesmente teólogas que se debruçam nos textos bíblicos têm sido suscetíveis de uma segunda marginalização *ad intra*, conforme expressa L.M. Russell: “estão marginalizadas em grande medida do âmbito acadêmico feminista porque continuam sustentando o valor dos materiais bíblicos, apesar de sua tendência patriarcal contra as mulheres.”²⁰

Sem desconhecer tal marginalização ou objeção, queremos empreender uma interpretação feminista da Bíblia que reconheça ser o patriarcado uma das características fundamentais da antiga sociedade bíblica durante os mais de mil anos

²⁰ RUSSELL, L. M. Introducción: Liberando la Palabra. In: RUSSELL, L. M. (Org.) *Interpretación feminista de la Biblia*. Bilbao: Desclée Brouwer, 1995, p. 14.

que durou a redação da Bíblia. As mulheres teólogas e exegetas têm que atentar não somente para o patriarcalismo explícito, mas também para as manifestações sutis de um androcentrismo tácito na visão de mundo do escritor bíblico. Reconhecendo essa tendência patriarcal dos materiais bíblicos, as feministas cristãs estudam os textos a partir de pelo menos três perspectivas diferentes, mas relacionáveis, segundo K. D. Sakenfeld:

1. Ocupam-se dos textos sobre mulheres para fazer face aos famosos textos usados ‘contra’ as mulheres;
2. Ocupam-se da Bíblia de um modo geral (não dos textos sobre mulheres de um modo particular) para chegar a uma perspectiva teológica que ofereça uma crítica do patriarcado (alguns a chamariam ‘perspectiva de libertação’).
3. Ocupam-se dos textos sobre mulheres para aprender da história e das narrativas de mulheres antigas e modernas que viveram em culturas patriarcais.²¹

Uma das tentativas dessa investigação é a de mostrar que no conjunto dos livros sagrados encontram-se perspectivas paradoxais²² a respeito da representação cultural das mulheres e dos homens, alternando-se entre a discriminação e o positivo reconhecimento das diferenças. Essa aparente ambivalência será exemplificada mediante estudos localizados, tanto no AT quanto no NT, sem o propósito de exaurir as inúmeras passagens que poderiam ser objetos de nossa análise.

Culturalmente, atribui-se ao homem o predomínio do raciocínio lógico e calculista, enquanto que a mulher está associada aos mais variados sentimentos inconseqüentes. Nos textos bíblicos, sobretudo em passagens do Antigo Testamento, diferenças como a supramencionada entre homens e mulheres - que também são questionáveis - foram deslocados em termos de desigualdade entre uns e outras. A elaboração e sedimentação de tal imaginário contingente, tornado necessário, ficou conhecido como patriarcado.

Em seu livro *Sexismo e Religião*, Ruether destaca que o patriarcado não é uma expressão apenas para designar a subordinação das mulheres aos homens, “mas a

²¹ SAKENFELD, K. D. Usos feministas de los materiales bíblicos. In: RUSSELL, L. M. (Org.) *Interpretación feminista de la Biblia*. Op. cit., p. 66.

²² Velasco reflete essa perspectiva paradoxal. Cf. VELASCO, C. N. *Bíblia, caminho para a libertação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1998. Rosino Gibellini, avaliando Gn 2- 3, aponta-os como textos clássicos da interpretação patriarcal. De acordo com ele, desses relatos “é fácil deduzir a inferioridade ôntica e ética da mulher”. (GIBELLINI, R. Op. cit., p. 91). Santiso, igualmente, chama a atenção para o peso histórico negativo da interpretação destes textos (Cf. SANTISO, M. T. *Mulher espaço de Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 159).

toda a estrutura da sociedade regida pelo Pai: aristocrata sobre os servos, senhores sobre os escravos, rei sobre súditos, suseranos raciais sobre pessoas colonizadas. As religiões que reforçam a estratificação hierárquica usam o Divino como ápice desse sistema de privilégio e controle.”²³ Destaca ainda a autora que, se tomarmos como exemplo o movimento javista a partir do qual herdamos grande parte dos textos do Antigo Testamento, sempre há nele uma crítica muito forte a essa estrutura política e social hierárquica, mas que ele “não emite um protesto semelhante contra a discriminação de sexos”.²⁴ Além do que, o javismo tem sido considerado um agente da sacralização do patriarcado pelo emprego de imagens e papéis freqüentemente masculinos de Deus. Característica fundamental do patriarcado no que concerne à discriminação de sexo é a misoginia. Diversas sociedades buscaram apoio naquelas passagens bíblicas para justificar a aversão à mulher, de certa maneira um recurso perigoso para afirmar o monismo sexual do homem. Assim, o estudo busca aglutinar alguns eixos de análise a partir dos quais se pretende identificar os problemas de gênero mais comuns na História da Salvação.

A partir da teologia bíblica, tentar-se-á buscar no próprio texto sagrado passagens que valorizam a mulher, em face da perspectiva anteriormente apontada. Vale ressaltar que a Bíblia é minimalista quando se trata de encontrar subsídios que identifiquem a importância positiva das mulheres.

Pretendemos evidenciar o paradoxo das duas interpretações a respeito das mulheres presentes na Bíblia. E o problema de pesquisa delineia-se do seguinte modo: considerando que no Antigo Testamento há muitos elementos que ressaltam

²³ RUETHER, R. R. *Sexismo e Religião*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993, p. 57.

²⁴ Sérias razões justificam a ausência da crítica profética para a discriminação de sexo no contexto do Antigo Testamento. “Em primeiro lugar, sempre há uma sociologia do conhecimento na ideologia social, mesmo na ideologia da libertação. Aqueles profetas que estavam conscientes da opressão praticada pelos urbanitas ricos ou impérios dominadores não estavam semelhantemente conscientes da opressão que eles próprios praticavam para com seus dependentes - mulheres e escravos - na família patriarcal. Só o surgimento de mulheres conscientes de sua opressão poderia ter aplicado as categorias de protesto às mulheres. Isto não aconteceu no Javismo. Em segundo lugar, embora a religião hebraica viesse a moldar sistema de leis patriarcais que enfatizavam o dualismo e a hierarquia dos sexos, em seu protesto contra a sociedade urbana Cananéia teria conhecido mulheres, rainhas e sacerdotisas poderosas e ricas proprietárias de terras que funcionavam como opressoras. Teria sido difícil reconhecer as mulheres como grupo e sexo oprimido quando a estratificação social primária integrava algumas mulheres em papéis de poder. Na verdade, talvez só no início do período moderno a percepção das mulheres como grupo marginalizado por sexo tenha se tornado mais forte do que a percepção delas como grupo dividido por classe. Só então pôde surgir um movimento feminista que protestava contra a subjugação das mulheres como grupo. (RUETHER, R. R. Op. cit., p. 58)

a importância positiva da mulher para a sociedade, trata-se de saber por que na interpretação da tradição judaico-cristã predominaram justamente os elementos negativos? Como tentativa de propor pistas razoáveis para o tratamento do referido problema, a hipótese do trabalho é a que segue: se do ponto de vista da roupagem cultural predominaram os aspectos negativos a respeito da mulher, da perspectiva da mensagem divina, eles são injustificáveis.

Em vez de agora tratar homens e mulheres a partir de uma leitura antagônica às avessas, na qual, em contrapartida, seriam ressaltadas as mulheres em prejuízo dos homens, outra possibilidade se apresenta. Recorrendo novamente à teologia bíblica, trata-se de analisar a possibilidade de uma análise que enfatize a completude²⁵ entre homens e mulheres. Em vez de exacerbar os antagonismos que ferem e dividem os seres humanos, a reflexão incidirá sobre a prática de Jesus que em muitos aspectos revoluciona a mentalidade judaica a respeito do tema. Para o estabelecimento do Reino, do projeto de Jesus, é imprescindível a recuperação da igualdade substancial entre homens e mulheres, preservando suas diferenças.

²⁵ Completude quer dizer “plena equivalente natureza e personalidade humanas”, ainda que com suas modalidades próprias. Tal postura difere do modelo da “*complementaridade* dos sexos”, porque este considera a mulher como complemento do homem, permanecendo a humanidade masculina como normativa. O modelo da complementaridade é suscetível de uma interpretação e prática subordinacionistas. Da mesma forma, tal postura difere do conceito junguiano de *androginia*, porque este perpetua a classificação dicotômica de capacidades masculinas e femininas com a conseqüente subordinação das segundas às primeiras. A teologia feminista só aceita o conceito de *androginia* se ela for desvinculada da interpretação junguiana e adquira o sentido de totalidade, “de horizonte plena e totalmente humano inclusivo de homem e mulher”. (GIBELLINI, R. Op. cit., p.114-115)